

“De Braços Abertos” - Vicente Sobral

Conheci o Carlos naquela madrugada, o seu rosto despontando entre as golfadas de fumo do outro lado do balcão. Era um dia de trabalho indistinguível da maior parte dos demais, uma noite de semana com a lotação a metade, noite que – sei-o agora – mudou a minha vida.

Hoje, dois meses volvidas e embalado pelo assobiar metálico do metro, que acaba de atravessar Arroios sem se deter, faço um esforço por recordá-lo. Cumpre agora quarenta dias que me abandono ao cadenciado vaivém daquela linha. O verde é a cor da esperança, e é esta que me faz erguer todos os dias e chegar à carruagem a tempo de assegurar um lugar sentado. Preso naquele circuito fechado, na continuidade das estações, contemplo as múltiplas possibilidades dispostas diante de mim. Talvez seja por isso que ainda aqui estou.

Durante todo o serviço não dirijo o olhar na sua direção. Sou chamado quando alguém vomita no chão, e em seguida quando um dos clientes habituais afirma que a bebida que lhe foi servida não corresponde ao rótulo da garrafa. Trato-o como um cliente normal, porque, no bar, nas circunstâncias em que nos encontramos, é precisamente essa indiferença que ele representa para mim. É uma noite de verão no centro da cidade, as ruas parecem adquirir uma vida própria, lânguidas cascavéis de calçada intumescidas no breu. Ao balcão, o odor enjoativo do álcool turva-me os sentidos. Diante de mim, uma coreografia embriagada de olhares e pedidos, bocas que se abrem e fecham como batráquios. Há uma certa impunidade nisto. No fim do turno, quando vou às traseiras pendurar a bata e recolher os meus pertences, deparo-me com Manuel, o gerente. Encostado à porta, bebe de uma garrafa meio vazia e baloiça-se, apoiando-se ora num pé ora no outro. Tem um punho cerrado, e do bolso do blusão desponta um maço de notas muito mais grosso do que o meu vencimento mensal, preso num laço com o meu nome. Reconheço-lhe os olhos vazios e cansados, que hoje carregam uma sentença.

– Sabes que gosto muito de ti. Que quanto cá chegaste te acolhi como a um filho, apesar das circunstâncias e de onde vieste. Apesar de vires nessa condição.

nas palavras do gerente, o meu amigo mais próximo, o meu único amigo, a minha clandestinidade é uma ferida que desponta e jorra, deixando a coberto o osso, a carne. Vejo-lhe a dor no rosto, sentimo-la ambos, não o tento impedir. Conheço a sua expressão como a um símbolo, uma representação de algo concreto e palpável.

– Hadi, – prossegue, tratando-me na inflexão carinhosa com que me acolheu na primeira vez – não posso continuar assim. Compreende que esperei que tivesses tudo regularizado para tomar esta decisão, mas não podes continuar aqui, a trabalhar... Não és só tu, mas com a crise não me posso dar ao luxo de ter mais empregados do que clientes. Desculpa.

E então, recordo.

Primeiro, o mar. As investidas compassadas das ondas, o saco das latas de conserva que tínhamos conseguido angariar já meio vazio. As garrafas de água, a posse mais valiosa, boiando no mar, vazias. Encostado à borda da embarcação, comprimo os braços e as pernas, num casulo só meu. Aos meus pés, dormita o meu irmão. Coragem, meu irmão. Os meus braços ardem no contacto inevitável com o tronco do meu vizinho. Olhamo-nos atrapalhados, e permanecemos assim durante muito tempo. Procuro-lhe força no olhar, conforto, uma certeza de que vamos conseguir chegar. Agarro-me aos meus braços queimados, tentando que não se desmanchem, tentando estancar o nevão de flocos de pele que começou ontem, quando a água do mar passou a ser a única opção. No bote, fala-se pouco. Reza-se muito e a todas as horas: prostrados, alguns adultos professam a fé na oração dos esquecidos.

O corpo do meu irmão dá à costa dois dias depois da chegada. Levam-me até à praia e sou amparado no regresso ao alojamento. Na semana seguinte, preenchemos as lacunas do inglês com linguagem gestual. Alguns de nós são levados, e os nossos dias são pautados pela esperança e pelo medo. Um dia, um português chega e leva-me a mim e a mais dois. Acomodamo-nos na parte de trás de uma carrinha branca e viajamos em silêncio.

Chegados a Lisboa, os dias são preenchidos em burocracias. Acompanha-nos o gerente, apumado, que nos oferece uma oportunidade no bar e nos apresenta a uma pequena comunidade síria.

Diz chamar-se Carlos. Levanto-me e limpo os olhos. Oferece-me um lenço. É talvez trinta anos mais velho do que eu. A sua voz é serena, compreensiva, arranhando certas consoantes com uma pronúncia estrangeira, diferente da minha, talvez francesa ou alemã. Aproxima-se, encostando-se à porta da garagem onde me encontro. Pergunta-me se vivo ali. Se quero falar do que aconteceu. Fala-me de si, da sua terra natal, da sua viagem. Dos seus negócios, e de como os seus colegas foram dormir cedo. No dia seguinte terá uma reunião importante.

De facto, apesar das horas, ainda há movimento na rua. Convida-me a ir beber alguma coisa nos bares que ainda estão abertos. Paga ele. Não bebo, contraponho. Ele ri-se, uma gargalhada metálica, desengraçada. À medida que nos entranhamos no breu das ruelas, chegam-nos palavras soltas de conversas paralelas, o eco de uma garrafa que se estilhaça na calçada. Acima de nós, as bandeirinhas das festas populares dançam ao vento, entrelaçadas em constelações reluzentes de papel crepe.

Detemo-nos diante de um balcão virado para a rua com uma pequena formação de cadeiras, que vão sendo empilhadas à entrada. Os transeuntes passam agora mais intervalados, a madrugada a murchar os corpos erodidos e pesados. Sinto-me impelido a permanecer ali, sentado, derrotado. Conforta-me a mera hipótese de ele me querer ouvir, à minha história.

Escuta:

O metro é um labirinto de metal e pessoas, refulgente e vivo na sua cálida respiração. É lá que os encontro, também esquecidos, também espezinhados a apodrecer. No subterrâneo,

estão em todas as direções, são-te invisíveis. Não os queres ver, mas eles estão aqui, comigo. Eu, que sou um deles.

Nos jornais abandonados no metro, busco imagens e notícias do meu país. O regresso atravessa a minha mente – uma ideia impensável não há muitos meses, que se entranha e aloja cada vez mais no meu pensamento.

No fim do dia, conto quase quatro euros na aba côncava do chapéu. Não há notas.

À medida que conversamos, afasta-se-me a lembrança da aliança que lhe reluzia no dedo e que retirou e ocultou na mão fechada, como uma magia amadora, fazendo-o repousar no bolso fundo das calças do fato. É um bom ouvinte: fala-me com ternura, como um pai, e aconselha-me, embrenhado nos meandros do meu relato.

Devem ser quatro da manhã quando somos convidados a desocupar as últimas cadeiras. Nos dias seguintes, sempre que me foi pedido que situasse no tempo este momento sugeri esta hora. É-me oferecida boleia. Rejeito. Duas, três vezes. Agradeço a noite.

Durante todo este tempo, não falamos. Sinto-lhe o hálito a vinho, e a sua barba áspera roça-me a nuca. Contudo, consolo-me no seu abraço. As suas mãos, alarves e pontiagudas, preenchem-me, percorrendo numa carícia o meu corpo, detêm-se nos meus pulsos. Sorri-me, e os seus lábios fechados discorrem sobre a inevitabilidade, sobre o destino, sobre a culpa ser minha, não podes ser assim, tão convidativo, tão provocador. O barro do meu rosto esmagado contra a parede, quero gritar, e os meus lábios articulam várias palavras que teimam em não sair, mímica brutal e mortífera.

O dia esvai-se enquanto observo o outro lado do vidro. Sucedem-se as plataformas na sua monotonia esquecida. Em certos dias, olho através da superfície e contemplo o meu reflexo, sobreposto à amálgama que atravessa o lado de fora da janela. Por vezes, ligo o telemóvel

e partilho uma foto antiga no Instagram, uma paisagem de Alepo ou uma rua de Lisboa, que acabo quase sempre por apagar em seguida.

Recordo-o de pé, confiante, jovial. Insistente, surpreso. Insistente quando me pergunta

- Estás a fazer-te difícil, não é?

quando não consigo contrapor, nem dizer que não, que

- É um mal-entendido

ou que

- Peço desculpa

E depois cruel, patriarcal. Predatório quando me derruba e insulta, quando me faz permanecer assim, prostrado aos seus pés – naquela hora eternamente fiel, eternamente seu quando me ordena

-

e depois

- Isso mesmo

quando me abandona, a nuca quente e húmida contra o passeio, o corpo inerte, invadido, reivindicado, vazando num fio de sangue que seca nas pedras da calçada.

Preencho o formulário que me é entregue e colocam-me uma pulseira azul. *Nome Hadad Ousmane Sexo Testes que pretende realizar.* Aos meus pés, as minhas roupas rasgadas, o cinto ensanguentado ainda nas calças, a minha carteira aberta numa possível busca pela Autorização de Residência.

O médico regressa com uma senhora que diz ser minha amiga. As roupas que enverga são deliberadamente largas, e ao andar o tecido das suas calças produz um roçar apaziguador. Sou colocado numa cadeira de rodas e conduzido até um gabinete.

Ficamos muito tempo a olhar um para o outro. Olho em redor: é uma sala levemente perfumada, com as paredes forradas a livros e uma ou outra moldura que lhe conferem um toque mais íntimo. O rosto diante de mim apresenta um sorriso neutro, convidativo. Procuo continuar a investigar a monotonia das paredes, pequenos objetos na secretária encostada ao fundo da divisão, evitando assim entregar-me à formalidade da minha partilha e escutar a inevitabilidade das suas palavras ensaiadas, compassivas.

Na semana seguinte, procuro pela primeira vez conforto no metro. Atrai-me a possibilidade do anonimato, o ruído, a ciclicidade previsível das carruagens. Ali, na geometria fria dos bancos, sinto-me menos só. A todas as horas do dia circulam os meus pares, refugiados como eu, párias, homens e mulheres invisíveis.

Toco nos meus braços e sei. Há algo pulsando dentro de mim, debaixo da minha pele. Não é clara, como a dos outros, mas isso não me impede de ver através dela. Consigo ver o sangue a correr, impuro, as veias como raízes negras, uma tatuagem. Sangue poluído, que nem para mim serve.

O meu corpo já não me pertence. Foi-me roubado, como tantas outras coisas.

Uma tarde, na estação do Intendente, senta-se ao meu lado uma criança. De tez escura e queimada pelo sol, vem de chinelos, e ao sentar descalça-se, arrefecendo a planta dos pés na superfície lisa da carruagem. Está sentada numa pose tensa e inconsciente que me recorda a jovialidade castrada pela vida que sempre emanou do meu irmão. Vendo-me imerso naquela mirada indiscreta, o menino dá-me a mão, muito sério.

Levando-me pelo braço, saímos juntos na Praça do Comércio, recebidos pela brisa cálida do terreiro. Carrega vozes e silhuetas de famílias que passeiam, alegres, e, de gelado na mão, tiram fotografias. Por um momento, tento integrar a multidão, mimicar o espírito festivo, mas os meus pés movem-se lentos e pesados, e a criança olha-me com pena. Dirige-me agora com mais insistência, puxando-me pelo braço, numa obstinação imune à moleza daquela tarde de verão. Por fim, detém-se e larga a minha mão. À nossa frente, o rio. Com o indicador esticado, aponta para a ondulação serena e brilhante. Na porção de margem em que nos encontramos, temos uma visão desobstruída de toda a linha de água. E é então que vejo. Ao longe, um pequeno barco à vela flutua, embalado pela corrente, e diante de mim, pequenas cristas embatem na pedra do pontão. É ali que uma grande tartaruga vai e vem, com precisão, inerte, enredada na vegetação. Refugiando-se da força do rio, não conseguiu alcançar a costa, e ao ficar presa nas raízes, feriu-se, não sendo capaz de tentar o regresso. A criança observa-me, expectante. Sei agora porque me trouxe aqui. Debruço-me sobre a pedra morna e disponho as mãos em concha, mergulhando-as na água num esforço de libertação do pobre animal. Quando olho em redor, não encontro o menino, dissolvido na multidão. Dirijo um último olhar ao rio e regresso a casa. No horizonte, um Deus de pedra aguarda-me, de braços abertos, expectante.